



## Artigo

# Atendimento Escolar Hospitalar para estudantes em tratamento oncológico: o que dizem as pesquisas?

## Hospital School Service for students undergoing cancer treatment: what do the research say?

Miriã Martins de Brito<sup>1</sup>, Adriana Garcia Gonçalves<sup>2</sup>

Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), São Carlos–SP, Brasil

### Resumo

O presente artigo teve como objetivo apresentar uma análise da produção científica brasileira acerca do atendimento escolar hospitalar de estudantes em tratamento oncológico. A investigação utilizou-se da pesquisa bibliográfica e partiu do levantamento de artigos, dissertações e teses nas bases de dados SciELO, Periódicos Capes e Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD). Foi possível encontrar 123 produções, sendo selecionadas sete produções de acordo com o objetivo proposto. Para a discussão dos dados, foram realizadas as análises, tanto técnica, quanto a análise dos conteúdos das produções selecionadas de maneira que, a análise técnica classificou as pesquisas quanto ao ano de publicação, os tipos (teses, artigos, dissertações) e as regiões em que foram publicadas. Já na análise do conteúdo, a partir dos temas encontrados, foram identificadas as seguintes três classes temáticas: concepção dos estudantes hospitalizados em relação ao atendimento escolar hospitalar; contribuições de atendimento escolar hospitalar; e currículo e o ensino de conteúdos disciplinares: construindo saberes. Como resultado a pesquisa apontou para a importância do currículo flexibilizado e individualizado, pensando também em estratégias de ensino que valorizem a cultura escolar, sem deixar de lado aspectos relevantes como a família, saúde e escola, no que se refere ao atendimento escolar para estudantes em tratamento oncológico.

### Abstract

This article aimed to analyze the Brazilian scientific production about hospital school care for students undergoing cancer treatment. The investigation used bibliographic research and started with the survey of articles, dissertations and theses in the Scielo databases, Capes Periodicals and the Brazilian Digital Library of Theses and Dissertations (BDTD). It was possible to find 123 productions, with seven productions selected according to the proposed objective. For the discussion of the data, both technical analysis and content

---

<sup>1</sup> Pedagoga e Mestre em Educação pela Universidade Federal de São Carlos –UFSCar. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0001-8031-9705> E-mail: [mihmartins23@hotmail.com](mailto:mihmartins23@hotmail.com).

<sup>2</sup> Docente do Departamento de Psicologia e do curso de Pós-Graduação em Educação Especial – PPGEs da Universidade Federal de São Carlos – UFSCar, Doutora em Educação pela UNESP, campus de Marília. Líder do grupo de pesquisa “Núcleo de Estudos e Pesquisas: Educação inclusiva, tecnologia educacional e formação profissional em diferentes contextos”. ORCID id: <https://orcid.org/0000-0002-5725-2001> E-mail: [adrigarcia@ufscar.br](mailto:adrigarcia@ufscar.br).

analysis of the selected productions were carried out so that the technical analysis classified the researches according to the year of publication, the types (theses, articles, dissertations) and the regions where they were published. In the content analysis, based on the themes found, the following three thematic classes were identified: conception of hospitalized students in relation to hospital school attendance; contributions of hospital school attendance; and curriculum and the teaching of disciplinary contents: building knowledge. As a result, the research pointed to the importance of a flexible and individualized curriculum, also thinking about teaching strategies that value school culture, without neglecting relevant aspects such as family, health and school, regarding school attendance for students in cancer treatment.

**Palavras-chave:** Atendimento Escolar Hospitalar, Estudantes Hospitalizados, Oncologia, Ensino-aprendizagem.

**Keywords:** Hospital School Service, Hospitalized Students, Oncology, Teaching-learning.

## Introdução

A saúde a partir da incorporação do conceito e princípios da Humanização por meio da Política Nacional de Humanização – HumanizaSUS (BRASIL, 2004), dispõe acerca do compromisso com a integralidade do ser humano e ao mesmo tempo coloca em destaque o conceito de escuta à vida. Esse conceito diz respeito às vivências e experiências em um corpo, sejam aquelas concretas ou emocionais, que fazem parte da vivência dos sujeitos e que devem ser consideradas em qualquer tipo de tratamento de saúde como totalidade do ser humano (GONÇALVES; MANZINI, 2011). Ciente desse desafio, a saúde na perspectiva da humanização se une ao campo da educação.

Se tratando de crianças e adolescentes hospitalizados as necessidades psicológicas e pedagógicas são reconhecidas tanto quanto as necessidades médicas e de enfermagem. Embora doente, a criança/adolescente não tem vedada sua capacidade de aprendizagem, podendo descobrir e se descobrir por meio de novas experiências. Para isso, os/as profissionais que estão em contato com essa criança/adolescente no interior das instituições hospitalares, devem conduzir seu olhar de modo sensível e humanizado (GONÇALVES; MANZINI, 2011).

O diálogo estabelecido entre as áreas da saúde e educação, apresentam a necessidade da continuidade da escolarização para uma criança/adolescente em tratamento hospitalar, amparando o desenvolvimento integral e garantindo a proteção ao direito à educação e de todos os processos que envolvem a formação e aprendizagem (CECCIM, 1999). Em concordância com Paulo Freire, a tomada de consciência e diálogo é que concilia os seres humanos no processo educativo, assim como para a construção de sua humanização (MELO JÚNIOR; NOGUEIRA, 2011). Nesse mesmo sentido, Freire (1969) argumenta que a ação reflexiva e crítica da realidade possibilita transformá-la a partir da concepção da vocação ontológica de “ser-mais”. O ser humano encontra-se em processo contínuo de sua humanização.

Dessa forma, o presente artigo, por meio de uma pesquisa bibliográfica, busca apresentar respostas ao seguinte problema de pesquisa: como as produções científicas acerca do atendimento escolar hospitalar abordam às especificidades de estudantes em tratamento oncológico? Propondo como

objetivo geral, analisar a produção científica brasileira em artigos, teses e dissertações acerca do atendimento ao escolar em tratamento de saúde, mais especificamente de estudantes em tratamento oncológico. Portanto, a partir dos resultados obtidos na pesquisa bibliográfica acerca do atendimento ao escolar em tratamento oncológico, foi possível colocar em discussão a compreensão de como ocorre e qual a contribuição desse atendimento, sendo também abordado qual a concepção dos envolvidos/as neste processo com base na análise das produções encontradas.

## **Desenvolvimento**

### **Classe Hospitalar: o atendimento ao estudante hospitalizado**

No Brasil, obtivemos alguns marcos legais que permitiram enunciar os direitos de estudantes hospitalizados, e conseqüentemente, o trabalho escolar no ambiente hospitalar, de maneira que a classe hospitalar passou a ser reconhecida por meio da educação especial, no prisma de uma educação inclusiva. Diversas nomenclaturas são utilizadas para referenciar a temática como, por exemplo, “escola hospitalar”, “atendimento pedagógico-educacional hospitalar”, “escolarização hospitalar”, “classe hospitalar”. No presente trabalho, optamos pelo termo “Atendimento Escolar Hospitalar”.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, Lei nº 12.796/13, art. 58, § 2º afirma que: “O atendimento educacional será feito em classes, escolas ou serviços especializados, sempre que em função das condições específicas dos alunos, não for possível a sua integração nas classes comuns de ensino regular” (BRASIL, 2013).

Ainda há muitas lacunas frente à garantia de direitos aos estudantes em tratamento de saúde. Ressaltamos que no ano de 2018 a LDB foi alterada diante da Lei nº 13.716/2018 que define no Artigo 4º-A:

Art. 4º-A. É assegurado atendimento educacional, durante o período de internação, ao aluno da educação básica internado para tratamento de saúde em regime hospitalar ou domiciliar por tempo prolongado, conforme dispuser o Poder Público em regulamento, na esfera de sua competência federativa (BRASIL, 2018, p. 5).

Não negamos a relevância da alteração na LDB para o reconhecimento de garantia de direitos para estudantes hospitalizados, porém o artigo 4º-A refere-se aos estudantes internados em tempo prolongado, sem estabelecer que tempo é esse. Além disso, sabemos que com a evolução dos tratamentos médicos, é possível diminuir o tempo de internação, minimizando o risco de contaminação no ambiente hospitalar. Isso implica em outro questionamento, considerando que essa alteração na legislação, não estabelece o direito aos estudantes em tratamento de saúde em ambulatórios ou centros especializados e que não permanecem internados, mesmo assim estão impossibilitados de frequentarem a escola.

Para as reflexões e desafios acerca do atendimento escolar hospitalar, consideramos relevante compreender o que é a classe hospitalar e sua forma de

funcionamento. A classe hospitalar é definida como um formato de atendimento escolar oferecido às crianças e aos adolescentes de 4 a 17 anos de idade (Educação Básica obrigatória) que por motivo de tratamento de saúde, estão impossibilitados de frequentarem as suas escolas. A classe hospitalar pode ser um espaço caracterizado pelas diferentes atividades que são desenvolvidas com estudantes hospitalizados que muitas vezes estão em diferentes níveis de ensino, portanto deve ser compreendida como um ambiente não somente de escolarização, isto é, como um escola no hospital, mas também como um momento oportuno para cada estudante hospitalizado de restaurar a socialização, através da inclusão, possibilitando a continuidade de desenvolvimento (OLIVEIRA; FILHO; GONÇALVES, 2008).

Conforme Gonçalves e Manzini (2011), as classes hospitalares têm como objetivos:

- a) impedir a interrupção do processo de aprendizagem da criança internada para no futuro ser integrada à sala de aula;
- b) contribuir para diminuir o trauma hospitalar ao trazer para o hospital uma parte de sua vida que é a escola;
- c) ampliar o serviço hospitalar ao fazer a junção da educação com a saúde;
- d) contribuir para a recuperação da criança ao atribuir-lhe responsabilidades educacionais;
- e) orientar o aluno, o professor da escola de origem e a família quanto à necessidade da continuação dos estudos após hospitalização nos casos possíveis;
- f) proporcionar condições para a continuidade e alcance da terminalidade escolar, adequadas às características individuais. (GONÇALVES; MANZINI, 2011, p. 4-5).

Sendo assim, a finalidade da classe hospitalar para além da atenção voltada para o acompanhamento curricular de estudante/paciente, também se preocupa com a contribuição para a recuperação das crianças e adolescentes hospitalizados, aproximando-os das suas vidas fora do contexto hospitalar. Dessa maneira, é evidente a relevância que a classe hospitalar tem na contribuição para saúde e o cuidado de forma integral para estudante hospitalizado.

### **Estudante em tratamento oncológico**

Segundo o Instituto Nacional de Câncer José Alencar Gomes da Silva (INCA, 2020), o câncer infantil é compreendido quando um conjunto de células anormais que passam a se multiplicar de forma descontrolada em algum órgão do corpo, de maneira que as leucemias se tornam os casos mais constantes em crianças e adolescentes. De acordo com o INCA (2020), houve um progresso significativo no tratamento do câncer infantil nas últimas quatro décadas. Conforme a mesma fonte, o Brasil tem 8% das causas de morte por câncer em comparação a outras enfermidades acometidas em crianças e adolescentes, contudo, atualmente cerca de 80% dos casos, quando diagnosticados previamente, são tratados promovendo a cura dos pacientes.

A compreensão de como se estabelecem as relações no espaço hospitalar, pelas crianças e adolescentes em tratamento oncológico, pode ser um aspecto relevante a ser investigado, pois a melhor compreensão das situações vivenciadas pelos pacientes, contribui para a atuação mais sensível e humanizada dos/as profissionais que atuam nesse espaço, tanto no campo da saúde como nos múltiplos aspectos que o contexto hospitalar pode englobar.

Nesse sentido, a reflexão acerca da importância das classes hospitalares para estudantes enfermos, faz-se necessária para construção da compreensão das questões que envolvem essa temática. O recorte específico do estudo, aborda as particularidades que circundam a escolarização e a educação daqueles/as que estão afastados das escolas regulares devido ao tratamento oncológico. Acerca das interferências no processo de escolarização de estudantes com câncer, Covic e Oliveira (2011) apontam:

Primeiro, desde o final da década de 1980 é praticamente unânime a conclusão nos estudos da cultura ocidental do tratamento do câncer da infância e da adolescência, que o processo de acompanhamento escolar deve ocorrer ao longo do tratamento; segundo, que podem existir efeitos tardios do tratamento e do câncer em si, e dessa forma, o acompanhamento tem de ser ao longo da vida; e, terceiro, que esses efeitos tardios são atenuados quando os pacientes estudam durante o tratamento (COVIC; OLIVEIRA, 2011, p. 95-96).

Logo, as condições impostas a partir do diagnóstico de adoecimento devido ao câncer, demandam mudanças delicadas em relação ao tratamento de saúde exigido para a criança como, por exemplo, aquelas relativas à vida escolar. A quebra da rotina implica diretamente na escolarização, ocasionando muitas vezes faltas constantes, comprometendo o desempenho do/a estudante, sucedendo também em ausência de flexibilidade das escolas e até mesmo limitações físicas resultantes do tratamento dessas crianças e adolescentes, além de inúmeras outras questões que envolvem as restrições sociais, aumentando a angústia vivenciada por todos/as que se encontram envolvidos nesse processo (COHEN; MELO, 2010, p.313).

Covic e Oliveira (2011), declaram:

A educação dos jovens com câncer enfrenta alguns obstáculos, semelhantes àqueles enfrentados por estudantes com deficiência, ou ainda, crianças cronicamente enfermas. A doença e seus tratamentos podem causar dificuldades, diretas na aprendizagem, ou outras indiretas, como as discriminações. As interrupções do ano escolar e o insucesso nas aprendizagens pesam sobre o futuro dos alunos que realizam tratamento de câncer (COVIC; OLIVEIRA, 2011, p. 96).

Um estudo sobre as implicações do câncer em estudante no processo de alfabetização teve como objetivo identificar a existência ou não de problemas no processo de alfabetização de estudantes em tratamento oncológico. A

pesquisa propôs uma metodologia para observar os problemas neste período, apresentando que quando o tratamento é aplicado na época correta e com qualidade adequada à prática educacional, tais problemas no processo de alfabetização são minimizados ou totalmente eliminados (KANEMOTO; PETRILLI; COVIC, 2020).

Portanto, a discussão quanto a escolarização das crianças e adolescentes em tratamento oncológico, é considerada relevante para que seja possível alcançar avanços nesse campo, contribuindo com que estudantes hospitalizados estejam inclusos no processo de ensino e aprendizagem que lhes são garantidos em lei.

### **O/a pedagogo/a no contexto hospitalar**

Atualmente, as reflexões no campo da formação do/a pedagogo/a têm se estendido para a atuação desse profissional em espaços diferenciados e para além da tradicional instituição escolar, se caracterizando como um dos desafios para os cursos de formação. A ação do/a pedagogo/a em espaços não-escolares, por vezes tem sido uma temática pouco discutida e divulgada no decorrer da formação de professores/as, resultando na invisibilidade do atendimento escolar hospitalar por meio da classe hospitalar, como questão a ser abordada nesse meio. Dessa maneira, a formação do/a pedagogo/a deve atender à condição necessária para a qualificação e atuação do trabalho realizado também em espaços não-escolares, garantindo a educação como direito humano (RABELO, 2011).

Conforme Fontes (2005) o trabalho do/a pedagogo/a na conjuntura hospitalar manifesta diversas interfaces além de pedagógica, como a psicológica, política e ideológica, sendo exercido não apenas de uma única maneira, mas ao se identificar no seu quefazer através do processo reflexivo da prática, o/a professor/a pode adentrar na busca por novas respostas aquelas perguntas que surgem no exercício de sua ação. Por consequência dessa ação reflexiva, a principal característica desse profissional no ambiente hospitalar, constitui na potencialidade de estar junto com estudantes, construindo em diálogo e através de uma escuta cuidadosa os processos de ensino e aprendizagem.

Assim, o papel do/a educador/a da classe hospitalar consiste também em mediar as relações que são estabelecidas nesse ambiente, auxiliando de certo modo, na recuperação da criança/adolescente por meio de atividades que possibilitem o olhar sobre suas condições, limitações e superações enquanto estudante e paciente (RABELO, 2011).

A contribuição positiva no processo de recuperação da criança enferma, é sentido na própria presença do/a professor/a e nas atividades pedagógicas desenvolvidas no hospital. Ademais, a escola no hospital ao ser apresentada aos estudantes hospitalizados, surge como vínculo com a vida de uma criança fora do hospital, levantando como referência a escola como o local de encontro de crianças saudáveis, isto é, a escola passa a ser entendida como elo para a (re)construção de sua identidade enquanto criança/estudante. Nesse sentido, o significado da escola no hospital pode possibilitar a abertura para a construção de uma comunicação fluída e a construção do diálogo espontâneo entre

estudantes na classe hospitalar. O momento em que o/a estudante hospitalizado se expressa de forma verbal ou troca informações através de um diálogo contínuo e ao mesmo tempo afetivo, percebe-se o resultado de uma escuta pedagógica que também é dialógica (FONTES, 2005).

A escuta pedagógica, portanto, não somente marca o diálogo como forma de expressão dos sentimentos vivenciados pelas crianças, nesse caso hospitalizadas, mas também possibilita ao estudante hospitalizado construir a sistematização dos seus pensamentos partindo da linguagem, de maneira que ao sistematizar suas ideias e pensamentos, a criança poderá elaborar também a compreensão da realidade na qual encontra-se inserida e mesmo os conhecimentos que dizem respeito a seu estado de saúde (FONTES, 2005).

Escutar as crianças, seus desejos, anseios e possibilidades, permite uma prática significativa, colaborativa e reflexiva, na qual todos podem se expressar e agir como protagonistas da prática educativa no hospital. É preciso criar alternativas para a ressignificação e compreensão das experiências vividas pelos pacientes/alunos no hospital, oferecendo a eles novos olhares sobre si mesmos, suas histórias e, assim desvelar novas maneiras de ser, sentir, pensar e agir frente ao adoecimento e a hospitalização (ROCHA, 2012, p. 134).

Portanto, seguido da compressão dos conceitos relacionados a classe hospitalar e que envolvem a atuação do/a professor/a nesse contexto, assim como as condições e os desafios de estudantes hospitalizados, faz-se necessário apresentar o caminho percorrido para o alcance dos objetivos quanto a análise das produções científicas acerca dessa temática.

### **O que dizem as pesquisas sobre atendimento escolar hospitalar para estudantes em tratamento oncológico?**

A busca por pesquisas acerca do trabalho educacional em ambiente hospitalar para estudantes em tratamento oncológico ocorreu por meio de uma pesquisa bibliográfica desenvolvida no ano de 2020<sup>3</sup>, através da análise de artigos, teses, livros e dissertações, nas bases de dados SciELO – *Scientific Electronic Library Online*, CAPES – Periódicos Capes e BDTD – Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações. No primeiro momento foi realizada as combinações das palavras-chave: Escola Hospitalar, Crianças com câncer, Adolescentes com câncer, Atendimento educacional hospitalar, Atendimento escolar hospitalar, Atendimento escolar e Oncologia. Com as combinações, foi possível a definição dos seguintes termos de busca: “Escola Hospitalar AND Crianças com câncer AND adolescentes com câncer”; “Atendimento educacional hospitalar AND oncologia”; “Atendimento escolar hospitalar AND oncologia” e “Atendimento escolar AND crianças com câncer AND adolescentes com câncer”.

---

<sup>3</sup> É válido ressaltar, pensando na veracidade dos dados apresentados no artigo, que a busca não foi realizada com limite de ano, sendo possível a identificação de publicações referentes aos últimos dez anos. As buscas nos bancos de dados ocorreram entre os meses de maio e junho de 2020.

Dessa forma, a partir do levantamento nas bases de dados foi possível encontrar 123 produções, sendo selecionadas sete dessas pesquisas para a análise. A exclusão das demais produções, foi realizada com base nos critérios que estabeleceram exclusas as pesquisas que não apresentassem o debate do atendimento escolar em contextos hospitalares, com recorte específico para crianças em tratamento oncológico ou/e quando as investigações não estivessem disponibilizadas na íntegra, além disso, também foram exclusas aquelas produções que encontraram-se repetidas entre as bases.

A tabela 1, a seguir, demonstra o número de produções encontradas em cada um dos bancos de dados, selecionadas para leitura na íntegra e por fim, selecionadas para a análise.

**Tabela 1:** Número de produções encontradas e selecionadas para análise

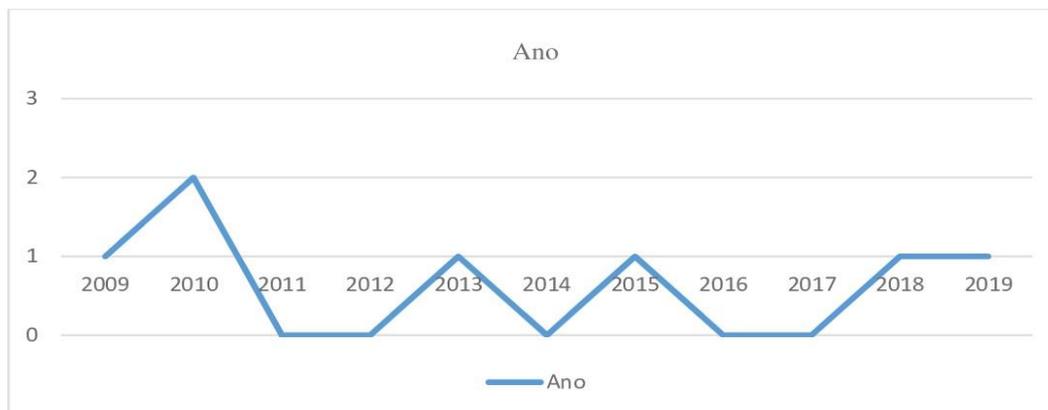
<b>BANCO DE DADOS</b>	Número de produções encontradas	Número de produções selecionadas para leitura na íntegra	Número de produções selecionadas para análise
<b>Periódicos da CAPES</b>	86	4	1
<b>BDTD</b>	12	3	3
<b>SCielo</b>	25	3	3
<b>Total</b>	<b>123</b>	<b>10</b>	<b>7</b>

Fonte: Autor, 2020

## Resultados e Discussões

A partir da coleta de dados, foram selecionados quatro artigos e três dissertações que foram analisadas através do delimitador das etapas técnica e de conteúdo, a primeira etapa referente a classificação das pesquisas quanto ao ano, tipo e localização das publicações, enquanto a segunda etapa buscou levantar as discussões quanto ao conteúdo abordado de acordo com as classes temáticas.

Conforme a análise técnica quanto ao ano de publicações, em 2010 houve um pequeno acréscimo na quantidade de produções publicadas, não sendo ainda considerável para se destacar quantitativamente nos anos seguintes. Com exceção dos anos 2011, 2012, 2014, 2016, 2017, encontramos a constante de uma publicação por ano dentro do recorte da pesquisa. Conforme apresenta o gráfico 1 a seguir:

**Gráfico 1: Ano de Publicação**

Fonte: Autor, 2020

A escassez de publicações no campo da pedagogia hospitalar em relação aos processos de ensino e aprendizagem de estudantes em tratamento oncológico, foi confirmada devido à baixa quantidade de publicações por ano. Somado a isso, as produções encontradas foram publicadas em sua maioria, nos periódicos dos campos de Educação, Saúde e Pesquisa, como demonstra o gráfico 2 a seguir:

**Gráfico 2: Área de Publicação**

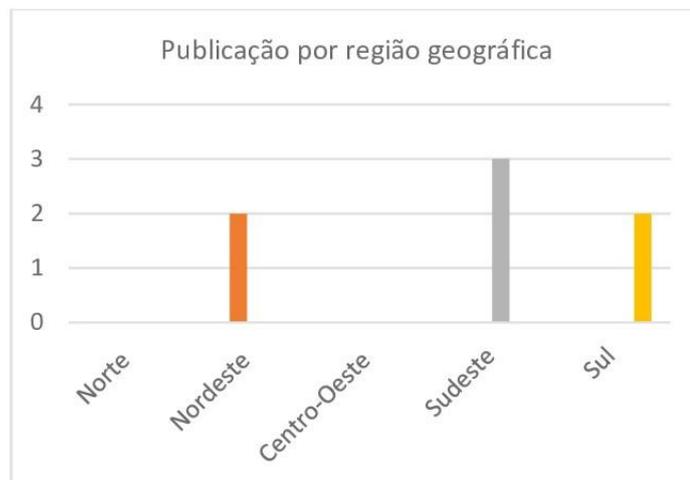
Fonte: Autor, 2020

É possível notar a importância dessas produções serem publicadas em periódicos de programas de educação, mas consideramos também colocar em discussão a necessidade de pesquisas que aprofundem a intersecção entre as áreas da saúde e educação.

Do mesmo modo, a necessidade de compreensão dos aspectos que envolvem a escola no hospital, se estendeu na busca por identificar em quais regiões os estudos foram publicados, sendo dois no estado da Bahia (LUCON, 2010; RIBEIRO, 2018); três produções no estado de São Paulo (ROLIM, GÓES, 2009; MORAES, 2010; CARVALHO; PETRILLI; COVIC, 2015); e por fim dois

trabalhos no estado do Rio Grande do Sul (LINHEIRA; CASSIANI; MOHR, 2013; SCREMIN, SCHUMACHER; 2019), conforme elucida o gráfico 3 a seguir:

**Gráfico 3:** Quantidade referente a região de publicação



Fonte: Autor, 2020

A quantidade de publicações encontradas na região Sudeste é maior que a quantidade nas demais regiões do país, o elevado número de universidades existentes nessa região<sup>4</sup>, assim como o elevado número de instituições hospitalares em consonância com a proporção de médico/habitante por unidades de federação<sup>5</sup>, são considerados os fatores para tal concentração, que conforme Bernardo (2017) influencia significativamente nas regiões escolhidas para o desenvolvimento de pesquisas acerca do serviço ofertado por meio das classes hospitalares.

Logo, após a realização da análise técnica de cada uma das produções resultando nas informações anteriormente apresentadas quanto ao tipo, ano, área e região em que as produções foram publicadas, o passo seguinte consistiu na análise do conteúdo dessas pesquisas. Para a análise do conteúdo, foi realizada a leitura exaustiva dos artigos e dissertações encontradas, para então classificá-los de acordo com as categorias que surgiram no decorrer da análise<sup>6</sup>. Dessa forma, foram estabelecidas três classes temáticas: “concepção de estudantes hospitalizados em relação ao atendimento escolar hospitalar”; “contribuições do atendimento escolar hospitalar na perspectiva dos acompanhantes e professores(as)” e “currículo e o ensino de conteúdos disciplinares: construindo saberes”.

A primeira classe temática, intitulada “concepção de estudantes hospitalizados em relação ao atendimento escolar hospitalar”, surgiu como relevante campo para compreensão dos aspectos que envolvem o universo

<sup>4</sup> INEP, 2014.

<sup>5</sup> Demografia Médica no Brasil, v. 2 / Coordenação de Mário Scheffer; Equipe de pesquisa: Alex Cassenote, Aureliano Biancarelli. – São Paulo: Conselho Regional de Medicina do Estado de São Paulo: Conselho Federal de Medicina, 2013 (CREMESP 2013).

<sup>6</sup> Em alguns casos, as produções encontradas trabalharam mais de um elemento de cada categoria, contudo, a discussão principal apresentada pelos/as autores/as das produções, foi o critério determinante para a classificação da produção dentro de determinada classe temática.

hospitalar, considerado tão peculiar para as crianças e adolescentes hospitalizados, bem como a importância desse atendimento nesse espaço. Na segunda classe temática “contribuições do atendimento escolar hospitalar”, foi classificada somente uma dissertação que abordou a Classe Hospitalar na perspectiva dos diferentes sujeitos envolvidos nesse processo, como as professoras da sala regular, da classe hospitalar e dos familiares de estudantes/pacientes. Por fim, na terceira classe temática “currículo e o ensino de conteúdos disciplinares: construindo saberes”, as produções apresentaram os desafios que decorrem da prática nas classes hospitalares em relação a construção do planejamento e currículo flexibilizado.

As discussões entre os diferentes autores/as serão apresentadas a seguir, conforme a classificação das classes temáticas.

### **Concepção de estudantes hospitalizados em relação ao atendimento escolar hospitalar**

A compreensão dos significados, sentidos e representações atribuídas pelas crianças hospitalizadas ao atendimento pedagógico em ambiente hospitalar, contribui para a melhoria desse trabalho através de atividades trabalhadas pelos professores/as na classe hospitalar e mesmo na construção das relações nesse espaço, oportunizando ao mesmo tempo com que a criança e/ou adolescente hospitalizado tenham seu direito de voz exercido.

Lucon (2010) destaca que estudantes hospitalizados acabam não identificando o processo de escolarização na classe hospitalar, compreendendo as aulas no hospital como uma maneira de passar o tempo, e quando possível, se desligarem dos momentos ruins e mesmo da enfermidade que os/as acometem, sendo talvez por isso, que reconhecem a relevância desse atendimento para o reingresso à escola regular. Conforme apresenta a autora: “[...] até mesmo criticam quando as aulas estão muito fáceis e pedem que estas sejam mais desafiadoras, pois independente da atividade, os adolescentes querem estar na aula com o professor” (LUCON, 2010, p. 246).

No caso específico do trabalho desenvolvido por Ribeiro (2018), a contação de histórias foi percebida como importante para que as crianças tivessem oportunidade de expressar seus sentimentos e emoções, como seus medos, suas tristezas, desejos, fantasias e alegrias. Ribeiro (2018) destaca as falas das crianças hospitalizadas acerca do conforto que sentem ao participarem das atividades educacionais, pois torna-se para elas o momento em que se distanciam do diagnóstico, afastando-se da doença acometida, imaginando-se na escola.

A compreensão das crianças quanto a prática pedagógica no hospital, traz parte do que viviam em suas vidas antes do início do tratamento de saúde, principalmente nos momentos de contação de história, por poderem adentrar o mundo da imaginação. “Para elas, em torno do diagnóstico e da prática pedagógica perpassa um dentro e fora, que é imaginário, trata-se do momento em que a criança está no hospital, mas se sente fora dele” (RIBEIRO, 2018, p. 81).

Nesse sentido, a figura do/a professor/a contribui com esse momento, uma vez que não carrega consigo os medicamentos, as injeções e sim, a prática

educacional lúdica que possibilita o sorriso, a brincadeira, as conversas e a percepção de ligação com a escola (RIBEIRO, 2018). Dessa forma, há o reconhecimento do papel do/a educador/a nesse ambiente, procurando ter por perto a figura desse profissional, já que estabelecem com eles/as um vínculo de confiança que resulta em autoconfiança quanto à sua identidade escolar, compreendida como principal identidade social na infância (LUCON, 2010).

Fontes (2005) declara o valor da escuta pedagógica, pois possibilita ao estudante hospitalizado enxergar o/a professor/a da classe hospitalar como alguém de confiança, permitindo com que as interações e relações construídas no ambiente hospitalar abram caminhos para a (re)significação desse espaço. Ao se expressarem por meio do diálogo na classe hospitalar, a partir da relação de escuta estabelecida pelo/a professor/a de confiança, o/a estudante hospitalizado organiza seus pensamentos a partir da linguagem e dos saberes que envolvem o seu estado de saúde, dando significado as experiências de ensino e aprendizagem que fazem parte desse momento de sua vida.

Além disso, Rolim e Góes (2009) destacam que a prática educacional no hospital pode permitir com que a criança construa sua autonomia através das escolhas de atividades, na contramão da condição que muitas vezes a rotina hospitalar impõe no decorrer do processo de hospitalização. Essa questão é percebida quando as crianças indicam em suas falas, por exemplo, a disposição em realizar as atividades na classe hospitalar, demonstrando desejo explícito pela continuidade da escolarização.

Do mesmo modo, o/a estudante hospitalizado demonstra esperança quanto ao futuro, quando conforme Lucon (2010), os adolescentes dão importância para a função da classe hospitalar como forma de resgate ao prazer pelos estudos. Mesmo compreendendo a classe hospitalar como uma escola não-convencional com traço de reforço escolar, apontam para como sentem-se encorajados a continuarem seu tratamento de saúde na busca pela cura. Conforme Fontes (2005), considerar a relevância do ensino e a aprendizagem no contexto hospitalar, implica em compreender essencialmente o direito à vida, pois o desejo de aprender despertado no/a estudante hospitalizado tornar-se intrínseco ao desejo de viver.

Ademais, as pesquisas analisadas apontam que a percepção quanto à classe hospitalar, pelas crianças e adolescentes em tratamento oncológico, se estende para a figura do/a professor/a e o interesse pela continuidade da escolarização, como aspectos positivos e essenciais referentes a identidade escolar e presentes no cotidiano do ambiente hospitalar. Nesse sentido, conforme Covic e Oliveira (2011, p. 89) “os alunos gravemente doentes têm na escola hospitalar o espaço maciço de encontro com o conhecimento que possuem com aquele sistematizado e histórico e socialmente escolarizados”.

A percepção de estudantes hospitalizados não negligencia às considerações críticas explícitas por eles no que dizem respeito a classe hospitalar como um espaço consideravelmente pequeno, de modo que com um ambiente maior para o desenvolvimento das atividades, o número de professores/as também seria maior, possibilitando a separação de estudantes hospitalizados, de acordo com a idade e as necessidades específicas. Isto é, existe um desejo expresso pelos adolescentes da classe hospitalar, de que o atendimento escolar não seja realizado em formato de sala de aula

multisseriada, mas que essa escola no hospital possa ser cada vez mais parecida com a sala de aula regular, pois isso permite com que estabeleçam uma aproximação maior com a realidade extra hospitalar (LUCON, 2010).

Rolim e Góes (2009) ressaltam as permanentes comparações entre a classe hospitalar e a escola de origem por estudantes hospitalizados, indicando que aqueles/as que recentemente se afastavam da escola devido ao tratamento, demonstravam tristeza pela mudança em sua rotina, do mesmo modo que aquelas/as que estavam prestes a receberem a alta hospitalar, sentiam-se receosos e inseguros quanto ao retorno à escola. A pesquisa das autoras, implicou no acompanhamento das crianças que estavam em processo de reinserção às escolas de origem, por isso relataram suas expectativas na superação dos obstáculos e preconceitos que pudessem encontrar na sala de aula regular, no entanto, as falas expressas de estudantes após o retorno, se mostraram evidentes em relação a ausência de acolhimento tanto quanto a continuidade das aprendizagens dos conteúdos escolares, como também na dificuldade de convivência na escola regular.

Em concordância com esses desafios, Holanda e Collet (2011) apontam para as dificuldades que estudantes hospitalizados enfrentam em relação à sua imagem perante a sociedade, pois:

[...] À criança e ao adolescente não agradam comentários sobre sua aparência física e problemas de saúde, pois eles desejam ser vistos como pessoas “normais”, não com o estigma de doente. O estar doente é negativo e compreende ser nocivo, indesejável e socialmente desvalorizado. Nessa situação surgem, usualmente, comparações que provocam diminuição da auto-estima e discriminação (HOLANDA; COLLET, 2011, p. 386).

Assim sendo, não basta saber que a classe hospitalar cumpre um importante papel no desenvolvimento de estudantes hospitalizados ao auxiliarem no desenvolvimento de sua autoconfiança, se as escolas de origem e a sociedade não fizerem sua parte na inclusão dessas crianças e adolescentes que passaram pelo isolamento social ao serem submetidas à tratamentos de saúde.

Portanto, a classe hospitalar contribui com que estudantes mantenham um vínculo com a vida cotidiana de uma criança saudável, preservando também sua identidade escolar, além de possibilitar a autonomia e a construção de novas aprendizagens em um espaço tão peculiar como o hospital. Ainda que não seja vista por estudantes hospitalizados como uma sala de aula “convencional”, a classe hospitalar, pelos motivos já apresentados, pode favorecer até mesmo na recuperação do tratamento oncológico de crianças e adolescentes que enfrentam esses processos.

### **Contribuições do atendimento escolar hospitalar**

A contribuição positiva quanto ao trabalho educacional desenvolvido no interior dos hospitais, já se mostra evidente a partir da concepção dos próprios estudantes hospitalizados na categoria anteriormente apresentada, contudo faz-

se igualmente relevante, apresentar as contribuições desse atendimento na perspectiva dos diferentes envolvidos nesse processo, como as professoras da classe hospitalar e as professoras da escola de origem, assim como dos familiares das crianças em tratamento oncológico.

Moraes (2010) destaca como sendo fundamental tornar explícito as visões das mães e das professoras de crianças em tratamento de saúde vinculadas a classe hospitalar, pois podem auxiliar na elaboração do entendimento quanto aos desafios encontrados no interior do contexto hospitalar, assim como os desafios que acompanham a prática pedagógica nesse ambiente.

Sendo assim, a pesquisa classificada nessa categoria, por meio do estudo de caso, realizou entrevistas semiestruturadas com mães de crianças em tratamento oncológico, com professoras da classe hospitalar e da escola de origem de duas crianças. Os primeiros obstáculos apontados pelas professoras atuantes no hospital, foram indicados na dificuldade em estabelecer contato com as escolas de origem de estudantes hospitalizados. As educadoras também chamam atenção para a urgência de melhor articulação entre os campos da saúde e da educação objetivando uma formação inicial que possibilite a capacitação de professores/as para atuarem no contexto hospitalar, permitindo ao mesmo tempo, uma definição precisa da ação desse profissional no hospital (MORAES, 2010).

Nessa perspectiva, Rabelo (2011) aponta que:

Com o objetivo de atender à nova demanda da sociedade, a formação do pedagogo deve procurar capacitá-lo a trabalhar em espaços escolares e não-escolares, pois a educação é um direito humano como condição necessária para que se beneficie de demais privilégios constituintes de uma sociedade democrática. Negar o acesso a esse direito é descaracterizar o ser humano. Ter a possibilidade de continuar sua aprendizagem é um direito de cidadania, que nunca deve ser tolhido, mas sempre cumprido e garantido na prática (RABELO, 2011 p. 6-7).

A compreensão do direito educacional independente de quaisquer circunstâncias leva a considerar o papel do/a pedagogo/a no ambiente hospitalar como fundamental para garantia desse direito às crianças e adolescentes hospitalizados, conforme afirma Moraes (2010, p. 127) “[...] há muitas contribuições quando esse atendimento é realizado com seriedade e compromisso dos profissionais educadores dentro do hospital”.

Do mesmo modo, faz-se relevante refletir acerca da compreensão do universo educacional no hospital pelas educadoras da sala de aula regular, que conforme Moraes (2010), aponta para a indispensabilidade do desenvolvimento de ações que sejam capazes de auxiliá-las no acolhimento de estudantes que estiveram ausentes da sala de aula devido a hospitalização e para guiá-las na prática com aqueles/as que ao retornarem apresentem necessidades específicas.

Nesse sentido, não deve ser desconsiderado juntamente com a visão das professoras tanto da classe hospitalar como da escola regular, a compreensão elaborada quanto ao atendimento escolar hospitalar, pelas famílias das crianças e adolescentes hospitalizados, pois como bem apresenta

Moraes (2010, p. 127) “[...] não menos importante é o papel das mães, incentivando as crianças, desdobrando-se para contribuir com a continuidade da escolarização das crianças, apesar de tantos outros afazeres exigidos”.

Portanto, afirma-se a relevância das relações estabelecidas entre o hospital, a escola e a família, com base no diálogo e na compreensão, na busca do trabalho em conjunto para o desenvolvimento e a melhoria da criança e adolescente hospitalizados. Ademais, compreender a importância da classe hospitalar, não unicamente quanto as contribuições para as crianças em tratamento oncológico, como também na concepção de quem as acompanham, auxilia no reconhecimento da necessidade da participação da família, da escola, bem como do campo da saúde, como elementos que compõem o atendimento educacional nesse contexto (CARVALHO; PETRILLI; COVIC, 2015).

### **Currículo e o Ensino de conteúdos disciplinares: construindo saberes**

Conforme Scremin e Shumacher (2019), os conteúdos escolares preparados no ambiente hospitalar devem ser pensados a partir de diferentes propostas de acordo com o perfil de cada estudante hospitalizado, levando em consideração os aspectos que envolvem a hospitalização para que esse momento não se torne ainda mais doloroso. Dessa forma, as/os professores/as da classe hospitalar devem propor atividades lúdicas, recreativas que envolvam a contação de história, dramatização, jogos, desenhos e pinturas, buscando uma educação que em sua prática esteja focada na autonomia das crianças e dos adolescentes hospitalizados.

O processo pedagógico no ambiente hospitalar é pensado de maneira que estudantes hospitalares sintam-se protagonistas do seu processo educativo, e para isso os/as pedagogos/as traçam objetivos, planejam os conteúdos e procedimentos para ações que envolvam estudantes almejando o alcance da aprendizagem de cada um dos envolvidos (SCREMIN; SHUMACHER, 2019).

Em relação aos conteúdos escolares trabalhados na classe hospitalar, a pesquisa desenvolvida pelas autoras Linheira, Cassiani e Mohr (2013), aponta para as experiências de professores/as no ensino de ciências nesse ambiente. As autoras apresentam os desafios quanto a seleção dos conteúdos e das atividades que para serem trabalhadas na classe hospitalar, necessitam de um planejamento pedagógico diferenciado daqueles das salas de aulas regulares, devido as características peculiares que envolvem o contexto hospitalar, como exemplo disso, buscam organizar uma mesma aula partindo da mesma temática.

A investigação acerca das estratégias de ensino que podem ser melhor empregadas na atuação do/a pedagogo/a da classe hospitalar, especificamente na prática do ensino de ciências, levaram as autoras Linheira, Cassiani e Mohr (2013) aos pressupostos de que os conhecimentos teóricos são ferramentas importantes para o auxílio do desenvolvimento de aulas que busquem despertar em estudantes a compreensão de mundo, contribuindo com a alfabetização científica e ressaltando os procedimentos relacionados à mediação da linguagem, motivando a leitura e a escrita. Os/as educadores/as planejam suas atividades pensando não apenas no ambiente, seja na classe hospitalar ou no leito, mas, também tem sua atenção voltada para o perfil de estudantes quanto

ao nível de aprendizagem e faixa etária, buscando identificar as necessidades educacionais de cada um deles (SCREMIN; SHUMACHER, 2019).

Ademais as ações pedagógicas devem ser pautadas em planejamento de aulas e atividades com começo, meio e fim, levando em consideração aspectos que envolvem a permanência ou não da criança e do adolescente no hospital, além disso, pode ser realizado um levantamento do perfil do paciente quanto, a idade, condição motora e cognitiva pensando na elaboração de atividades que permitam brincadeiras, manipulação de objetos e interação social. As ações de apoio pedagógico possibilitam com que estudantes aperfeiçoem a aprendizagem através de atividades prático-teóricas de maneira lúdica, sendo destacado que as práticas relacionadas às experiências complementares em âmbito hospitalar, viabilizam também a continuidade do vínculo com a instituição escolar regular (SCREMIN; SHUMACHER, 2019).

A importância de perceber estudantes hospitalizados, de maneira ampla, implica também na possibilidade de criar momentos prazerosos no processo de ensino dentro dos hospitais, procurando a elaboração de um planejamento que envolva a ludicidade, na qual a criatividade e a participação estejam presentes. Portanto, as atividades podem buscar aprimorar a motricidade fina, exercitar o raciocínio lógico, despertar a curiosidade, trabalhar a memória, a atenção e a paciência e proporcionar integração e socialização no ambiente hospitalar (SCREMIN; SHUMACHER, 2019).

Quanto a percepção de como esse atendimento ocorre, não existe uma regularidade e esse processo varia de instituição para instituição, na pesquisa de Scremin e Shumacher (2019) as autoras destacam as falas das professoras quanto ao atendimento pedagógico no ambiente hospitalar:

Não temos um tempo exato de atendimento para cada aluno, ficamos atentas aos sinais, muitas vezes no dia de quimioterapia eles ficam indispostos, uma atividade ou um tempo conversando já é suficiente. E há dias que acordam animados e ansiosos para aprender, onde o tempo passa voando e as 4 ou 5 atividades que preparamos não dão conta e recorremos as atividades extras como massa de modelar, 'contação' de histórias, pinturas com tinta, rodas de conversa, jogos com balões (SCREMIN; SHUMACHER, 2019, p. 9).

O/a professor/a da classe hospitalar não é capaz de saber de antemão o que pode ocorrer na próxima aula, necessitando assim estar preparado contando com diversas possibilidades em sua forma de atuação, de maneira que o trabalho pedagógico nesse contexto, possa ser construído a partir de um planejamento flexível (LINHEIRA; CASSIANI; MOHR, 2013). Acerca desse planejamento flexível, ressaltam:

Assim, um dos desafios no planejamento é a combinação de novos e diferentes recursos e atividades com aqueles aos quais as crianças e jovens já estão mais acostumados em suas escolas de origem.[...] O desenvolvimento dos estágios, acoplados às demais investigações da área de ciências naturais na classe hospitalar, mostrou-nos que um caminho interessante para o desenvolvimento de estratégias de ensino e seleção de

conteúdo é escolher alguns poucos temas e, a partir deles, desenvolver conteúdos correlatos, de forma que o professor possa ter distintas opções de percurso dependendo dos estudantes que se apresentarem para a aula e, mesmo, para as mudanças que se fazem no decorrer da aula (entrada ou saída de estudantes para procedimentos médicos, por exemplo). Isto faz com que, se necessário, se possa desenvolver atividades mais individualizadas, se assim o professor julgar interessante. (LINHEIRA; CASSIANI; MOHR, 2013, p. 550).

Sendo assim, a seleção de conteúdos através de poucos temas e a partir deles a apresentação de outros novos conteúdos, são algumas das estratégias de ensino que se demonstram eficientes para o ensino e aprendizagem na área das ciências, desenvolvido na prática do/a pedagogo/a da classe hospitalar (LINHEIRA; CASSIANI; MOHR, 2013). Refletindo acerca dos métodos que acompanham o ensino no contexto hospitalar, especificadamente nas classes hospitalares, o currículo é outro elemento a ser discutido em conjunto com o planejamento flexível.

Quanto a construção dos saberes na classe hospitalar, Carvalho, Petrilli e Covic (2015), ressaltam em uma pesquisa-ação desenvolvida na educação infantil em uma classe hospitalar, que as potencialidades das aprendizagens para crianças pequenas e em tratamento oncológico, só é possível através de um olhar individualizado que leve em consideração as particularidades de cada criança. Cabe nesse sentido, a “construção de um currículo específico que leva em conta as diretrizes curriculares para Educação Infantil, o contato com as escolas de origem e com as famílias e a rotina hospitalar de cada aluno” (CARVALHO; PETRILLI; COVIC, 2015, p. 1229).

Conforme o atendimento a esse aluno amadurece, melhor se percebe o movimento entre os três componentes temáticos estáveis. Identificação, conteúdos e estratégias vão sendo revisitados e reorganizados de acordo com o que cada aluno aprendeu num movimento espiral de aprendizagem, de construção de saberes e relação com os mesmos (CARVALHO; PETRILLI; COVIC, 2015, p. 1223).

Sendo assim, Carvalho, Petrilli e Covic (2015), apresentam o currículo dentro da perspectiva do Referencial Curricular Nacional para a Educação – volume 1 (BRASIL, 1998) partindo da organização do ensino na educação infantil estabelecido pela idade, âmbitos e eixos, visando a construção de currículos que trabalhem o desenvolvimento físico, afetivo, cognitivo, estético, social e interpessoal, conforme o referido documento:

Assim, deve-se ter claro que alguns conteúdos conceituais são possíveis de serem apropriados pelas crianças durante o período da educação infantil. Outros não, e estes necessitarão de mais tempo para que possam ser construídos. Isso significa dizer que muitos conteúdos serão trabalhados com o objetivo apenas de promover aproximações a um determinado

conhecimento, de colaborar para elaboração de hipóteses e para a manifestação de formas originais de expressão (BRASIL, 1998, p. 50).

Portanto, desde bebês, as crianças vão gradualmente se desenvolvendo a partir do brincar, sentir, relacionar-se, expressar-se como processos que fazem parte do seu existir através dos contatos que vão estabelecendo consigo mesmas, com as pessoas e o espaço em que se encontram (BRASIL, 1998). Pensar a elaboração dos elementos curriculares no ambiente hospitalar para crianças da educação infantil é igualmente um dos grandes desafios do planejamento que envolve a atuação do/a pedagogo/a no contexto hospitalar.

Logo, a partir das pesquisas classificadas na presente classe temática, foi possível apontar para a importância da construção de currículos que considerem as propostas pedagógicas estabelecidas para cada nível de aprendizagem e de acordo com as necessidades específicas de cada criança e adolescentes na condição de estudantes hospitalizados.

Não somente o planejamento de aulas de ciências nas classes hospitalares, por exemplo, mas todos os conteúdos trabalhados no contexto hospitalar, devem trazer em reflexão as características que envolvem o ensino e a aprendizagem em um contexto tão diferenciado como o hospital. É nesse sentido que um currículo individualizado, sem desconsiderar a cultura escolar e levando em conta diversas estratégias de ensino, pode permitir ao educador/a da classe hospitalar uma postura mais confiante frente aos imprevistos recorrentes do processo de ensino e aprendizagem nesse ambiente.

## **Considerações finais**

Os resultados da pesquisa realizada na busca de compreender como vem sendo conduzido os estudos científicos acerca do atendimento escolar hospitalar para estudantes em tratamento oncológico, permitiram verificar a necessidade de mais pesquisas nesse âmbito, pois de modo geral, a pedagogia hospitalar tem sido pouco debatida no campo acadêmico.

No entanto, as poucas produções analisadas acerca da referida temática, apresentaram as lacunas existentes no atendimento educacional hospitalar, evidenciando que cada espaço é constituído de particularidades, não sendo concebível prescrever passos claros a serem seguidos no processo de ensino e aprendizagem nos ambientes hospitalares. Contudo, o objetivo da pesquisa não esteve atrelado a busca de uma mera descrição dos processos que envolvem essa temática, e sim, na tentativa de encontrar indícios de conceitos, discussões e teorias acerca desse atendimento escolar como importante eixo da educação brasileira, desenvolvido no interior de espaços não-escolares, especificamente em hospitais para crianças e adolescentes em tratamento oncológico.

As produções analisadas ressaltaram a relevância de um currículo flexibilizado e individualizado, a partir de estratégias de ensino que reconheçam as necessidades e particularidades de cada criança, levando em consideração a família, a saúde e a escola de origem desses estudantes hospitalizados, promovendo a interação desses aspectos, através do diálogo e compreensão entre todos envolvidos.

Muitos/as pesquisadores/as no Brasil buscam defender o direito à uma educação de qualidade para todos, no entanto o ambiente hospitalar por vezes pode passar despercebido nesse debate. Sendo assim, pensar a educação como direito de todos exige também levantar esforços para o reconhecimento da educação em espaços não-escolares, como a classe hospitalar inserida em uma instituição hospitalar.

Movimentar-se nesse sentido é assumir participação na luta pela democratização do ensino, propondo-se a vencer os desafios existentes, que no caso do atendimento escolar hospitalar, requer a busca de mecanismos que auxiliem na visibilidade desse atendimento, garantindo o direito à educação de estudantes hospitalizados. A classe hospitalar para estudantes em tratamento oncológico, por se tratar de uma temática relevante para o desenvolvimento integral das crianças e adolescentes enfermos, pode apresentar elementos significativos que contribuam para o avanço das pesquisas nessa área, visando a problematização e divulgação dessa temática, a fim de elencar prováveis direções, ainda não desveladas.

## Referências

BERNARDO, Flávia. **O Palhaço no Hospital**: uma revisão bibliográfica. 2017. 58f. Monografia. Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2017.

BRASIL. **Lei nº 13.716**, de 24 de setembro de 2018. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional). Brasília, 2018. Disponível em: <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/lei/2018/lei-13716-24-setembro-2018-787190-publicacaooriginal-156470-pl.html>. Acesso em: 21 jan. 2019.

BRASIL, Ministério de Educação. **Lei nº 12.796**, de 04 de abril de 2013. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília. 2013. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2013/Lei/L12796.htm). Acesso em: 10 fev.2019.

BRASIL, **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. vol. I. Brasília: MEC/SEF, 1998. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei\\_vol1.pdf](http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/rcnei_vol1.pdf). Acesso em: 13 fev. 2019.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Núcleo Técnico da Política Nacional de Humanização. **HumanizaSUS**: Política Nacional de Humanização: documento base para gestores e trabalhadores do SUS. 2. ed. Brasília: Ministério da Saúde, 2004. Disponível em: [http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizaSus\\_doc\\_base.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/humanizaSus_doc_base.pdf). Acesso em: 13 fev. 2019.

CARVALHO, Vanessa Alvim Ferraz; PETRILLI, Antônio Sergio; COVIC, Amália Neide. Educação infantil na escola hospitalar: a construção dos saberes escolares. **Revista Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 40, n. 4, p. 1.209-1.233, out./dez., 2015.

CECCIM, Ricardo Burg. **Classe hospitalar**: encontros da educação e da saúde no ambiente hospitalar. *Pátio*, ano 3, n.10, p. 41- 44, 1999.

COVIC, Amália Neide; OLIVEIRA, Fabiana Aparecida de Melo. **O aluno gravemente enfermo**. São Paulo: Cortez, 2011, 199p.

COHEN, Ruth Helena Pinto; MELO, Amanda Gonçalves da Silva. Entre o hospital e a escola: o câncer em crianças. **Estilos da Clínica**, v. 15, n. 2, p. 306-325, 2010.

FONTES, Rejane Silva. A escuta pedagógica à criança hospitalizada: discutindo o papel da educação no hospital. **Revista Brasileira de Educação**, n. 29, p. 119-138, 2005.

FREIRE, Paulo. O Papel da Educação na Humanização. **Revista Paz e Terra**, Ano IV, nº 9, outubro, p. 123-132, 1969.

GONÇALVES, Adriana Garcia. MANZINI, Eduardo José. **Classe hospitalar: poesia, texto e contexto de crianças e adolescentes hospitalizados**. Marília: ABPEE, 2011. 170p.

HOLANDA, Eliane Rolim de. COLLET, Neusa. As dificuldades da escolarização da criança com doença crônica no contexto hospitalar. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 2, p.381-389, 2011.

INCA. INSTITUTO NACIONAL DE CÂNCER JOSÉ ALENCAR GOMES DA SILVA. (2020).

Disponível em: <https://www.inca.gov.br/tipos-de-cancer/cancer-infantojuvenil>. Acesso em: 15 fev. 2020.

KANEMOTO, Eduardo; PETRILLI, Antonio Sergio; COVIC, Amália Neide. **Implicações do câncer da criança no processo de alfabetização**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2020. 111p.

LINHEIRA, Caroline Zabendzala; CASSIANI, Suzani; MOHR, Adriana. Desafios para o ensino de ciências na classe hospitalar: relato de uma experiência com pesquisa e ensino na formação de professores. **Ciência & Educação (Bauru)**, v. 19, n. 3, p. 535-554, 2013.

LUCON, Cristina Bressaglia. **Representações sociais de adolescentes em tratamento de câncer sobre a prática pedagógica do professor de classe hospitalar**. 2010. 277f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2010.

MELO JÚNIOR, Ebenezer da Silva; NOGUEIRA, Marlice de Oliveira. Humanização do ser humano em Paulo Freire: a busca do “ser mais”. **Revista Formação@Docente**, Belo Horizonte, MG, v. 3, n. 1, p. 1-14, 2011.

MORAES, Marly Kamiyama. **As contribuições do atendimento educacional em ambiente hospitalar a crianças que realizam tratamento oncológico. Ano defesa** 2010. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação). Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

OLIVEIRA, Linda Marques de; FILHO, Vanessa Cristiane de Souza; GONÇALVES, Adriana Garcia. Classe Hospitalar e a Prática da pedagogia. **Revista científica eletrônica de pedagogia**, Graça – SP, v. 6, n. 11, p. 1-5, 2008.

RABELO, Franci Sousa. A formação do pedagogo em contexto hospitalar: reflexões e práticas na garantia do direito a educação da criança e do adolescente hospitalizado. **Cidadania em Ação: Revista de Extensão e Cultura**, v. 5, n. 1, p.1-12, 2011.

RIBEIRO, Osdi Barbosa dos Santos. **Práticas Pedagógicas em ambiente hospitalar**: a contação de histórias na perspectiva das crianças de um Centro de Oncologia. 2018. 138f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2018.

ROCHA, Simone Maria. **Narrativas infantis**: o que nos contam as crianças de suas experiências no hospital e na classe hospitalar. Ano da defesa 2012. 163f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

ROLIM, Carmen Lucia Artioli; GÓES, Maria Cecília Rafael de. Crianças com câncer e o atendimento educacional nos ambientes hospitalar e escolar. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.35, n.3, p.509-523, 2009.

SCREMIN, Amanda Flores; SCHUMACHER, Jane. Ser Aluno e Paciente: Um novo Olhar Sobre o Acesso Pedagógico Hospitalar **RELACult-Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade**, v.5, n.4, p. 1-14, 2019.

### **Contribuição de cada um dos autores**

Autor 1: Participação ativa na elaboração escrita do artigo com destaque à justificativa, construção teórica, organização dos dados e discussão dos resultados, revisão final.

Autor 2: Participação na complementação de referências bibliográficas para a construção teórica, organização para apresentação dos resultados e discussão por meio da análise temática, revisão final.

Enviado em: 17/julho/2020 | Aprovado em: 15/fevereiro/2021